



O Sentimento de Pertencimento a um Grupo: A Praça Saes Peña Servindo como Ponto de Encontro de Senhores Jogadores na Cidade do Rio de Janeiro¹

Eliadma NASCIMENTO²

João MAIA³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Observando-se a Praça Saes Peña, localizada no bairro da Tijuca, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, é possível perceber que ali se encontram diferentes pessoas em grupos e tribos; cada qual com suas motivações. A presença diária dos senhores que ali se reúnem para jogar baralho, xadrez e damas⁴, a relação deles com o espaço e uns com os outros é o que originou essa pesquisa. Após a observação desses encontros, após um trabalho de campo, e buscando embasamento teórico para a melhor compreensão das relações dos senhores com a cidade e com eles mesmos, é possível trabalhar com os conceitos de espaço, território, lugar, costume e linguagem.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; território; lugar; costume; linguagem.

Nas idas e vindas pela cidade do Rio de Janeiro, percebe-se a movimentação cotidiana das pessoas. A também chamada “quebra de rotina”⁵, acaba se contradizendo em alguns casos. Pois, se realizadas constantemente, as “quebras de rotina” acabarão se tornando também uma atividade cotidiana, como as tarefas do emprego, as atividades domésticas ou o deslocamento pela cidade.

Dentro das obrigações diárias de cada morador da cidade do Rio de Janeiro, há uma pausa para a dedicação a uma tarefa mais prazerosa e “relaxante”. Quem trabalha em escritório, em loja, em casa ou na rua, às vezes tem a oportunidade de parar um pouco seu serviço e fazer alguma quebra de rotina em próprio benefício.

¹ Trabalho apresentado no IJ 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de julho de 2013.

² Estudante de Graduação 5º semestre do curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: eliadmaparreira@yahoo.com.br. Os coautores do trabalho são Jéssica Fernandes, Leonardo Fróes,- estudantes de Graduação 5º semestre do curso de Relações Públicas da FCS-UERJ- Talita Ribeiro e Vitória Castro- estudantes de Graduação 5º semestre de Jornalismo da FCS-UERJ.

³ Orientador do trabalho. Professor do curso de Jornalismo da FCS-UERJ, email: cac_mangueira@hotmail.com.

⁴ Dentre esses jogos, o baralho é o mais presente no cotidiano da praça.

⁵ “Quebra de rotina” foi a expressão utilizada pelo grupo ao caracterizar as atividades não relacionadas ao emprego, trabalho ou tarefas domésticas, sendo assim uma parte do dia de uma pessoa em que ela pode “relaxar”. Essa expressão indica a procura e o encontro de um momento em que uma pessoa pode se dedicar mais exclusivamente às suas vontades.



Assim como em outros lugares, os idosos fazem parte do grupo que mais tem tempo para se dedicar às suas atividades informais do que às obrigações de um emprego, por exemplo, por conta da aposentadoria. Na Praça Saes Peña, localizada no bairro da Tijuca, na Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, encontramos diariamente e em qualquer horário (excetuando-se as madrugadas) homens jogando baralho, principalmente, damas e xadrez.

A região⁶ da praça é composta por diversos ambientes⁷. Levando em consideração um olhar feito a partir da Rua Conde de Bonfim para a praça, os locais que ficam mais evidentes e mais movimentados são do metrô (extremidades esquerda e direita). Ao fundo do lado direito, encontra-se um ambiente voltado à família, com um parque infantil, bancos e chafariz. No lado central da praça acumulam-se os idosos: um grupo na academia da terceira idade, da Prefeitura do Rio de Janeiro, e outro grupo, que são os senhores jogadores.

Para eles, que frequentam a praça em horários diferentes, essa atividade é considerada uma distração e um momento de descontração. Mas, como a frequência deles é assídua, essas reuniões podem ser consideradas como integrantes do cotidiano de cada um deles e do cenário⁸ da praça.

Ao falarmos das delimitações físicas da praça, sem nenhum conceito a ser trabalhado, será utilizado o termo “local”. Ele será empregado com um sentido semelhante ao de sinônimo para os termos que serão conceituados e desenvolvidos, mas sem uma carga teórica sobre ele a ser explorada.

Através da observação participante, buscamos compreender as interações dos jogadores existentes em três principais esferas: com os outros frequentadores dos jogos, com o ato de jogar e com o espaço físico da praça. Não há homogeneidade em relação ao que esses encontros significam para os integrantes. Assim, cada qual tem sua própria experiência ao frequentar o local e ao jogar. Porém, há alguns pontos incomuns entre as opiniões deles que dão mais força a esse acontecimento como um ato coletivo.

⁶ Nesse caso, entendemos a região da praça como “funcional”, conceito trabalhado por GOMES (2001): “Quanto às regiões funcionais, a estruturação do espaço não é vista sob o caráter da uniformidade espacial, mas sim das múltiplas relações que circulam e dão forma a um espaço que é internamente diferenciado” (GOMES, 2001, p.64).

⁷ “Ambientes” da praça podem ser entendidos como os diversos locais apropriados pelas pessoas com motivações/ objetivos diferentes: O metrô, área de jogos, parquinho das crianças, academia da terceira idade, entre outros..

⁸ O conceito de “cenário” utilizado pelo grupo foi o trabalhado por GOMES (2008): “Os cenários são a performatização das estruturas narrativas, a comunicação cotidiana a partir dos usos dos espaços”. (GOMES, 2008, p.204).



O Espaço: Fluxos, Relações Sociais e Espaciosidade

O espaço é o objeto da Geografia. É conceituado e compreendido de formas diversas, mas através das interdisciplinaridades, nos apropriarmos de tal conceito a favor da comunicação. Primeiramente, levemos em consideração o espaço geográfico.

Santos (1997), baseado em hipóteses para tentar defini-lo, diz que o espaço é um conjunto de fixos e fluxos. “Nós temos coisas fixas, fluxos que se originam dessas coisas fixas, fluxos que chegam a essas coisas fixas. Tudo isso, junto, é o espaço.” (SANTOS, 1997, p. 77).

Santos também diz que “fixos e fluxos juntos, interagindo, expressam a realidade geográfica e é desse modo que conjuntamente aparecem como um objeto possível para a geografia.” (SANTOS, 1999, p.38). Desse modo, podemos compreender que os “fixos” são um conjunto de objetos que têm o seu valor e a sua significação modificados pelas ações e apropriações das pessoas; está ligado ao material. Os “fluxos” são os modificadores de significação, diretamente relacionados às pessoas e à comunicação entre elas ou com os locais. Remetendo-nos à Praça Saes Peña, e aplicando esses conceitos citados, pode-se dizer que a materialidade da praça, com seus bancos, árvores, postes e jardins são os fixos. Quando os senhores chegam ao local, sentam-se, conversam e jogam, estão efetivando os fluxos e constroem imaterialidades. Então, quando o homem exerce um trabalho ou uma ação sobre a natureza, “ele muda a si mesmo, sua natureza íntima, ao mesmo tempo em que modifica a natureza externa.” (SANTOS, 1999, p.50).

Há uma relação de sociabilidade ao se falar de espaço. Santos também trabalha com um par de categorias composto por “configuração territorial” e “relações sociais”, que nos faz atrelar ao termo “espaço” as imaterialidades em fluxo em um conjunto de matérias.

A configuração territorial é o conjunto de matérias naturais ou modificadas: produtos diretos da natureza ou intermediados pela sabedoria e técnica do homem. A configuração territorial não é o espaço, já que sua realidade vem de sua materialidade, enquanto o espaço reúne a materialidade e a vida que a anima. (SANTOS, 1999, p.38)

Para os frequentadores entrevistados na Praça Saes Peña, jogar naquele local significa ficar livre de alguns problemas. O senhor Carlos⁹ diz que se desloca diariamente do bairro de Ramos até a Tijuca só para jogar. Pois, segundo ele, “se ficar

⁹ O nome “Carlos” é fictício, uma vez que o senhor entrevistado não quis revelar seu nome.



em casa, a artrite começa a doer, os problemas de família começam a estressar e o tédio toma conta”. Yi-Fu Tuan (1983) utiliza o termo “espaciosidade” quando se refere à sensação de liberdade: “Espaciosidade está intimamente relacionada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço; significa ter poder e espaços suficientes em que atuar.” (TUAN, 1983, p.59). Na praça, o senhor Carlos se sente livre dos seus problemas e com o poder de atuar da maneira que ele quiser dentro daquele grupo. Há também a liberdade gerada pelo próprio local, onde não há a concentração de problemas e alegrias de ninguém, porque se trata de um lugar público e variável em sua rotina¹⁰.

João Baptista Pillares, conhecido como J. Baptista, jornalista aposentado e com 64 anos, frequenta o local há aproximadamente 3 anos. Ele diz que sempre que pode vai ao local: “Eu gosto de vir aqui por causa da gozação, um fica zoando o outro; acaba sendo uma descontração”.

Essa gozação descrita por J. Baptista é possível por causa da interação que existe entre eles no momento dos jogos. Essa interação pode ser classificada como “face a face”. Thompson (1999) a conceitua da seguinte forma:

A interação face a face acontece num contexto de co-presença; os participantes estão imediatamente presentes e partilham um mesmo sistema referencial de espaço e de tempo. Por isso eles podem usar expressões denotativas (“aqui”, “agora”, “este”, “aquele”, etc.) e presumir que são entendidos. As interações face a face têm também um caráter dialógico, no sentido de que geralmente implicam ida e volta no fluxo de informação e comunicação; os receptores podem responder (pelo menos em princípio) aos produtores, e estes também são receptores de mensagens que lhe são endereçadas pelos receptores de seus comentários. Uma outra característica da interação face a face é que os participantes empregam uma multiplicidade de deixas simbólicas para transmitir mensagens e interpretar as que cada um recebe do outro. As palavras podem vir acompanhadas de piscadelas e gestos, franzimento de sobrancelhas e sorrisos, mudanças na entonação e assim por diante. (THOMPSON, 1999, p.78).

A maioria dos senhores costuma frequentar um grupo específico. E, geralmente, cada grupo de jogadores/observadores¹¹ costuma ficar em uma mesa específica. Não é regra, mas geralmente é o que se vê. Em alguns momentos, os jogadores mudam de

¹⁰ Empregamos este termo aparentemente contraditório, (já que “rotina” possui uma ideia de “repetitiva” e “variável” de “inconstância”) porque por mais que a região da praça seja rotineiramente composta por fluxos semelhantes (o pipoqueiro, as pessoas andando, os cachorros passeando), essas interações com o espaço nunca se dão e nunca são percebidas da mesma forma.

¹¹ Os observadores são os homens que ficam atrás dos que estão na mesa, no intuito de ver as jogadas. Geralmente ficam circulando entre os quatro que estão assentados com as cartas nas mãos e soltam piadas de gozação aos que estão com jogadas fracas. Também há aqueles que são observadores por imposição do grupo: em algumas mesas, só joga quem contribui financeiramente para a compra dos aparatos necessários para a realização dos jogos, como o baralho (que geralmente é novo), os forros para os assentos, os forros para as mesas, álcool em gel para limpar os forros e as xérox tiradas de uma tabela onde são registrados os placares.



lugar¹²; se transferem de uma mesa para outra por conta do sol. “A gente fica fugindo do calor em dias de sol, né? Aí quem chega primeiro na praça pega as mesas com sombra”, diz senhor José, frequentador da praça há 3 anos.

Território e Territorialização

Ao frequentarmos a praça somente para observar os fluxos e os senhores jogando, temos a impressão de que a interação deles é feita de igual para igual. Não se percebe nenhum tipo de relação de poder e/ou de subordinação. Porém, ao frequentar o local com intuito acadêmico e com uma observação participante, percebemos que não se trata apenas de um espaço na praça, mas também de um território.

Souza (2001) vai além do conceito¹³ dado pela Geografia Política e diz que há território quando há relações de poder. Ele diz que território é um espaço definido e delimitado por e a partir de relações de poder.

Há uma mesa na praça que é ocupada majoritariamente por um mesmo grupo. Este grupo, autointitulado como “mesa Kléber”, tem um presidente chamado José Borel. Segundo os frequentadores da mesa Kléber, o “Borel” é quem apazigua a situação no jogo. Quando há suspeita de trapaça em relação a algum jogador, é ele quem decide quem está sendo honesto no jogo e quem está trapaceando.

O Borel é que tem o poder recebido e aceito por todos naquela mesa. E, ao falarmos de poder, utilizamos o conceito trabalhado por Arendt (1985, apud SOUZA, 2001, p. 80), em que ele é visto como “uma habilidade humana de agir em uníssono, que pertence a grupo e que existe apenas enquanto o grupo se mantiver unido”.

Outra relação de poder é perceptível em relação às pessoas que possuem ou não as chaves que abrem os caixotes onde ficam guardados os jogos e apetrechos utilizados. O senhor Antônio, o “Espanhol”, é um dos portadores da chave. Ele diz que a mesa Kléber foi a que correu atrás da prefeitura para pedir que ela montasse um local para os jogadores guardarem seus pertences de jogos na praça. “A prefeitura até colocou essas caixinhas, mas de madeira... Bem fáceis de quebrar. Então a gente fez a nossa própria caixinha de ferro pra guardar nossas coisas”- diz o Espanhol.

¹² “Lugar”, neste caso, não possui o mesmo sentido que será trabalhado posteriormente. Apenas refere-se às mesas de jogos.

¹³ “A Geografia Política refere-se a “território” como espaço concreto, com seus atributos naturais e socialmente construídos, que é apropriado e ocupado por um grupo social”. (SOUZA, 2001, p.84)



Essas caixas são soldadas nas colunas da estrutura¹⁴ construída para os jogadores ficarem. Lá eles guardam o baralho, as proteções para as mesas, os cadernos com os placares, lenços e álcool em gel (para manter a mesa sempre limpa).

Somente alguns membros de cada mesa possuem as chaves que abrem seus caixotes. Além disso, em algumas mesas, só joga quem ajuda financeiramente na manutenção¹⁵. Então não há certeza fixa em relação a quem jogará ou não. Depende das circunstâncias.

Segundo Maia e Bianchi, “os territórios são formados e re-formados, em meio as suas diversas temporalidades” (MAIA; BIANCHI, 2011, P.134). Essa fluidez em relação aos territórios é perceptível entre os senhores da praça. Na ausência do presidente de uma mesa, por exemplo, outro assume seu lugar. Quando um senhor que é responsável pela chave de um caixote não pode comparecer por algum motivo, outro recebe a chave para guardar. A respeito dessa característica de um território, Maia e Bianchi ainda discorrem:

Ressaltamos que nossas territorializações podem ser fluidas, não há uma obrigatoriedade de vida eterna atrelado a determinado lugar ou uma fixidez intransponível que impeça irromper os laços relacionais com os territórios. Diante das transformações celeradas na cidade contemporânea, os sujeitos tendem a romper seus laços, suas raízes são móveis e seu pertencimento territorial tende a fluidez. (MAIA; BIANCHI, 2011, p.136).

Essa fluidez em relação à territorialidade é perceptível na Praça Saes Peña. Souza (2001) cita essa mesma praça para mostrar o conflito que existia na década de noventa entre os nordestinos e os camelôs (SOUZA, 2011, p.91), pois ambos reconheciam o local como seu território. Ao pesquisarmos a territorialização da praça hoje, percebemos que já não há esse conflito específico. Outros grupos se apropriam e se reapropriam da praça, em um processo constante.

Ao nos remetemos ao termo “territorialização”, podemos enxergá-lo e entendê-lo simplesmente como o ato de formar território. Segundo Maia e Bianchi (2011), a territorialização acontece quando os espaços são apropriados pelos homens comuns tanto em sua materialidade quanto pela sua imaterialidade. Assim os senhores territorializam a praça ao se assentarem e se apropriarem fisicamente do local e ao

¹⁴ Chamada por alguns frequentadores de “quiosque”.

¹⁵ “Manutenção” é o conjunto de ações feitas pelos senhores a fim de deixar o jogo mais agradável e “praticável”. Por exemplo: Comprar sempre baralhos novos, o álcool em gel e tirar xerox das folhas onde são postos os placares.



entenderem que aquele é o espaço que os pertence, por exemplo; ao se reconhecerem individualmente e coletivamente no território, se apropriam imaterialmente.

Souza (2001, p.86) também trabalha a ideia de “campo de forças” ao falar de território, que separa o “nós” (os que pertencem ao grupo) dos “outros” (os de fora do grupo). Esse campo de forças, na área de jogos da Praça Saes Peña, acaba gerando alguns conflitos.

Geralmente, na hora do almoço, algumas pessoas que não jogam na praça se sentam às mesas para almoçar. Quando os senhores chegam ao seu território de jogo, eles percebem essas pessoas que lá estão almoçando como os “outros”. Então, algum representante dos jogadores, em uma tentativa intimidadora, se assenta junto ao grupo que almoça para apressá-los a terminar sua refeição ou fazer com que eles saiam das mesas. Às vezes funciona, às vezes não. Mas, a questão da territorialidade certamente faz parte da praça.

Lugar e Afetividade

Seja no envolvimento do sujeito com o local como espaço ou como território, o cotidiano possui um papel essencial na formação de signos no ser individual e no ser coletivo. A experiência com alguns recortes da cidade nos remeterá uma carga simbólica forte o suficiente para nos fazer gostar ou não de determinados locais. Quando há afetividade com o local, podemos classificá-lo como lugar¹⁶.

TUAN (1983) diz que um espaço se transforma em lugar quando ele adquire definição e significado à pessoa. Também é “uma pausa no movimento. [...] A pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p.153).

Assim sendo, na medida em que os senhores vão frequentando a praça para jogar, a experiência deles com o local (e uns com os outros) vai modificando o lugar; e o lugar os modifica também. Quando há a criação de vínculo, existe lugar.

Esse vínculo é tão forte entre os jogadores e a praça, que a maioria deles frequenta o local diariamente. Alguns dizem que já tentaram ir a outras praças, mas é na Praça Saes Peña que eles gostam de jogar. Ou seja, é na Saes Peña que eles encontram seus lugares; é lá que eles se reconhecem.

¹⁶ MAQUES (2011), diz que a Geografia Tradicional define “lugar” como uma pequena área em escala geográfica. Somente com a Geografia Crítica, no final do século XX que “lugar” passa a ser visto como referência à relações construídas a partir do espaço vivido (MARQUES, 2011, p. 9).



O lugar mais íntimo que geralmente temos é o nosso lar. Pois, no local da casa podemos dedicar uma maior parte do nosso tempo, conhecendo-a, utilizando-a, se apropriando de cada espaço e objeto e se permitindo moldar por ela.

A casa como lugar está cheia de objetos comuns. Nós os conhecemos através do uso; não lhes prestamos atenção como fazemos com as obras de arte. Eles são quase uma parte de nós mesmos, estão muito próximos para serem vistos. (TUAN, 1983, p.159).

Quando os senhores vão diariamente à praça para jogar, eles acabam se tornando cada vez mais íntimos com o local e uns com os outros. E assim como acontece com o lugar que chamamos de “casa”, também pode ocorrer com o lugar “praça”: o lugar se torna parte de cada indivíduo que lá se reconhece e reconhece o local como lugar.

Carlos (1996) define termo também com uma concepção de vivência/ cotidiano e sentimento.

O lugar é a porção do espaço apropriável para a vida- apropriada através do corpo- dos sentidos- dos passos de seus moradores, é o bairro, a praça, a rua. (...) Os percursos realizados pelos habitantes ligam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação, mas o importante é que essas mediações espaciais são ordenadas segundo as propriedades do tempo vivido. (CARLOS, 1996, p.21-22)

Nem todos vão à praça com o intuito exclusivo de jogar. Existem também aqueles que lá vão pela afetividade com o espaço¹⁷ em si, fazendo dele um lugar. O senhor Darci diz que passa pela praça toda manhã e toda a noite só para cumprimentar quem está lá jogando e para observar os fluxos. Nesse caso, também compreendemos o cotidiano como crucial para a formação da afetividade.

Santos(1999) ainda fala da questão das paixões humanas envolvidas com o termo em questão. Para ele, lugar é “o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações e espontaneidade e da criatividade” (SANTOS, 1999, p. 258).

O lugar, assim sendo, pode ser visto como uma criação de afetividade em relação a um espaço possibilitada pelo tempo.

Costume e Tradição

Através da pesquisa e das entrevistas realizadas, percebemos que essa reunião dos senhores jogadores é relatada pelos frequentadores da praça como uma tradição. Ao

¹⁷ “Espaço” ainda entendido como o conjunto de fixos e fluxos citados anteriormente.



justificarem o emprego da palavra “tradição” para descreverem o grupo dos jogadores, dizem que é tradição por ser uma atividade presente no local há muito tempo.

Hobsbawm (2012), diz que é preciso diferenciar “tradição” de “costume”, para entendermos de forma conceitual o que melhor se encaixa na realidade dos jogos da Praça Saes Peña. Apesar de o autor trabalhar principalmente com exemplos de sociedades tradicionais, podemos remeter ao presente trabalho o pensamento dele em relação aos termos que estamos utilizando.

A “tradição”, neste sentido, deve ser nitidamente diferenciada do “costume”, vigentes nas sociedades ditas “tradicionais”. O objetivo e a característica das “tradições”, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. [...] O “costume”, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante. Não impede as inovações e pode mudar até certo ponto, embora evidentemente seja tolhido pela exigência de que deve parecer compatível ou idêntico ao precedente. (HOBSBAWM, 2012, p.8-9)

Dessa forma, não podemos descrever essa reunião diária dos senhores na praça como uma tradição, por dois aspectos. Primeiramente, as motivações dos senhores ao irem à praça, a forma de jogar, as relações uns com os outros e com espaço são totalmente variáveis. Durante o dia, as pessoas que lá frequentam, vão mais por razões de distração, considerando os jogos em si como uma diversão e os demais jogadores como parceiros de jogo. À noite, tudo fica mais intenso; os jogos são treinos para torneios com outras praças, os companheiros se consideram membros da mesma família e chegam a apostar dinheiro.

Em segundo plano, temos outra questão que refuta o emprego da palavra “tradição” ao encontro dos senhores na praça, que é a locação da área de jogos. Nem sempre o espaço que eles jogam foi o território deles. Antigamente, diz Francisco, que frequenta os jogos há 47 anos, eles se reuniam em frente às padarias e lojas nos arredores da praça; geralmente, procuravam as sombras das marquises.

O que pode ser classificado como tradição nesse caso, baseando-se no desenvolvimento teórico de Hobsbawm (2012), é a presença das cartas, dos senhores e o ato de jogar. Esses são os elementos invariáveis nas reuniões. A qualquer hora do dia e em qualquer grupo específico dentro do grande grupo (que abrange todos os senhores que frequentam os jogos), a presença desses elementos é certa. O tipo de jogo varia, as intenções variam, a forma de jogar varia. Mas a reunião em si é invariável por sempre ocorrer.



Já “costume” é o termo que mais se aproxima da realidade dos encontros dos senhores da praça por permitir certas mudanças (como a de local para jogar). Às vezes acontecem modificações de uma rotina e a criações de novas convenções por necessidades técnicas, facilitando a transmissão do costume (HOBSBAWM, 2012, p.10).

As redes¹⁸ são criadas para facilitar operações práticas imediatamente definíveis e podem ser prontamente modificadas ou abandonadas de acordo com as transformações das necessidades práticas, permitindo sempre que exista a inércia, que qualquer costume adquire com o tempo, e a resistência às inovações por parte das pessoas que adotaram esse costume. (HOBSBAWM, 2012, p.10)

Desse modo, assim como já aconteceu anteriormente com os senhores jogadores, eles podem precisar se descolar do “quiosque”¹⁹ para um novo local. Será uma mudança no costume, mas com o tempo haverá a adaptação deles em um novo local - o que Hobsbawm (2012) chama de “inércia”.

Linguagem e Desvios

Algumas pessoas que frequentam a área de jogos da praça vão somente para observar. No momento em que estão lá, eles prestam atenção nas jogadas certas ou erradas, tendo como base as cartas dos outros jogadores e percebem o desenrolar da partida e o rumo que ela poderia ter tomado.

Certeau (1998, p.91-110) fala sobre as práticas e maneiras de fazer²⁰ e pensar do cotidiano. O autor mostra a linguagem e as maneiras como ela é utilizada, produzindo novas ordens culturais.

Podemos pensar conjuntamente os jogos que estão em questão- jogos da Praça Saes Peña- e os jogos de ações relativos aos tipos de circunstâncias dissertados pelo autor ao falar de linguagem.

[...] Os jogos formulam (e até formalizam) as regras organizadoras dos lances e constituem também uma memória (armazenamento e classificação) de esquemas de ações articulando novos lances conforme as ocasiões. (CERTEAU, 1998, p.83-84)

¹⁸ Nesse caso, “redes” são redes de convenções.

¹⁹ “Quiosque” é como é chamada por alguns frequentadores a área da praça construída pela prefeitura para os jogadores. Nem todos adotam esse nome ao se referirem à mesma área.

²⁰ Certeau (1998, p. 92) diz que as “maneiras de fazer são o desvio de certas regras que fazemos no cotidiano e é um estilo de ação”. A princípio esse estilo de ação é regulado por um campo, mas depois essa subordinação é substituída por outra forma de agir, em que se pode tirar partido desse campo.



Para o autor, os jogos são operações que produzem acontecimentos diferenciadores, proporcionadas pelas situações que acontecem em cada sociedade (CERTEAU, 1998, p.83). Essas ocasiões articulam os jogos de palavras e estas constituem suas regras e sua memória, construindo novos lances numa constante reorganização.

Quando vemos alguns dos frequentadores da Praça Saens Peña que não vão para jogar, mas para observar e comentar as partidas, podemos compreender o pensamento de Certeau. Ao comentarem os lances, eles agregam um novo repertório ao jogo e “maneiras de fazer”, para obter sucesso quando for a vez de cada um jogar. Assim, os conhecimentos se reorganizam e novos esquemas de ações são criados a partir dos códigos existentes, ou seja, sem ferir as regras dos jogos.

Assim as formalidades das maneiras de fazer se expõem através dos jogos. E em cada acontecimento há uma aplicação específica de linguagem e atitudes. A cada nova situação os repertórios ficam guardados na memória para, assim que necessário, serem usados novamente.

Sendo assim, estes “jogadores observadores”, demonstram e explicam o trecho: “Toda sociedade mostra sempre, em algum lugar, as formalidades a que suas práticas obedecem.” (CERTEAU, 1998, p.83)

Percebemos, então, que a linguagem e os jogos seguem o mesmo caminho na aglomeração de novas tendências e regras. O jogo, nesse caso, é uma maneira de linguagem que explicita em pequena escala, as práticas e formas de fazer e pensar de um grupo.

Considerações Finais

O presente trabalho teórico é apenas uma pequena parte de uma grande coleta de dados e de um envolvimento com o objeto de estudo. As teorias desenvolvidas nos remetem à Praça Saes Peña de uma forma mais profunda e analista. Porém, mesmo sem intenções acadêmicas, frequentar a Praça Saes Peña apenas para observar o fluxo dos signos do local de jogos já é de grande profundidade.

Espaço, território, lugar, costume e linguagem possuem um mesmo peso ao tentar entender o local para quem não está inserido no espaço da praça e nessas relações de jogos. Mas, para os que estão inseridos nesse cotidiano da praça, as experiências diferenciadas acabam criando em cada indivíduo uma forma diferente de identificação; tanto em relação ao local físico da praça, quando em relação uns com os outros. Assim,



uma pessoa enxergará a praça como espaço, outra como lugar e outras como território. Alguns outros sentirão que a praça é para eles um pouco de cada conceito trabalhado. E, como o objetivo dessa pesquisa de campo não foi encontrar verdades absolutas, podemos dizer que todos os entrevistados e estudados pelo grupo estão certos em suas convicções. E errados também.

REFERÊNCIAS

CARLOS, A. F. A. O lugar no/ do mundo. São Paulo: Hucitec, 1996

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1998

GOMES, P. C.C. O conceito de região e sua discussão. In. CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R (Org). Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

_____. Cenário para a Geografia: sobre a Espacialidade das Imagens. In. Rosemdahl, Zeny e Corrêa, Roberto Lobato (Org). Espaço e cultura: pluralidade temática. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008

HOBBSAWM, E. A invenção das tradições. São Paulo: Paz e Terra, 2012

MAIA, J. L. de A.; BIANCHI, E. Réveillon de Copacabana: territorialidades temporárias. In. FERNANDES, Cíntia; MAIA, João; HERSCHMANN, Micael (Org.). Comunicações e Territorialidades: Rio de Janeiro em Cena. Guararema: Anadarco, 2012.

MARQUES. A. C. B. A praça Portugal como espaço, território ou lugar: buscando marcadores teóricos numa pesquisa de caráter etnográfico. In. Intercom- XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011.

SANTOS, Milton. A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1999.

_____. Metamorfoses do espaço habitado. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUZA, M.J.L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In. CASTRO, I.; GOMES, P.; CORRÊA, R. Geografia: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

THOMPSON, J. B. A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia. Rio de Janeiro: Vozes, 1999

TUAN, Yi-Fu. Espaço e lugar: a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983